

4. Depoimento

Duglas Teixeira Monteiro

Quando conheci o Professor Roger Bastide, ele estava na metade de seu longo percurso de observação etnográfica das religiões africanas no Brasil. Profundamente familiarizado com nosso país e, nessa altura de sua carreira responsável por interpretações originais sobre o candomblé, sua posição diante dos alunos era, em certo sentido, curiosa: estrangeiro, vinha abrir para nós as portas de um Brasil que não conhecíamos; sua distância com relação ao negro era menor do que a minha e do que a de outros colegas, paulistas e brancos; suas pesquisas elevavam à dignidade de objeto de investigação científica as crenças e práticas religiosas das camadas mais pobres.

Não é demais lembrar que vivíamos então um período de nacionalismo e de euforia política, graças à reconquista da liberdade, após o Estado Novo. O ufanismo, desacreditado, cedera lugar a um nacionalismo que, às vezes, mostrava-se esclarecido e crítico, interessado nas raízes e nos verdadeiros retratos de um Brasil que, até então — por ignorância ou má fé — fora mantido oculto para muitos. No Departamento de Ciências Sociais desta Faculdade, Roger Bastide, ao lado de Florestan Fernandes e de Antonio Cândido, contribuiu nessa busca de nova identidade e fez com que olhássemos no espelho sem medo, forçando barreiras de cor e de classe.

Roger Bastide escolheu a identificação com o negro como um modo de ser brasileiro.¹ Esse negro que, conforme ele mesmo diz, citando Simmel, era duas vezes “estrangeiro”: pela origem e pela cor.² Não creio que tenha sido apenas a necessidade de compreender o objeto de sua investigação o motivo dessa opção. Tudo que nesta *Semana*, organizada em sua homenagem, foi dito a respeito de sua personalidade, permite supor que, sustentanto a identificação consciente e metodicamente procurada, havia um lastro profundo de simpatia pelos oprimidos. É por isso que, no conjunto de seus estudos sobre o negro brasileiro, a orientação adotada é aquela contida na advertência de Sérgio Buarque de Hollanda: o negro não deve ser estudado como um espetáculo, mas como um problema. Aliás, não foi sem razão que Bastide o escolheu como epígrafe de seus dois ensaios, “Os Suicídios em São Paulo, segundo a Cor” e “A imprensa negra no Estado de São Paulo”, publicados no Boletim *Sociologia*, nº 2, desta Faculdade. E estudou o negro, como um problema cientificamente relevante, sem dú-

(1) R. Bastide, *As religiões africanas no Brasil*, Livraria Pioneira Editora, S.Paulo. 1971. p. 43/44.

(2) Idem, p. 401.

vida. Mas, de modo algum, apenas isto, mas, basicamente, como um problema humano, com um sentido de comprometimento particularmente marcado nos trabalhos sobre preconceitos raciais.

Nesta breve nota sobre a contribuição de Roger Bastide para os estudos da religião no Brasil, não seria oportuno, nem mesmo possível, proceder a um balanço de sua contribuição teórica e metodológica. De um lado, é preciso reconhecer os limites de tempo de uma mesa redonda; de outro, é preciso lembrar que o essencial já foi feito pelo Professor Desroche nas sessões anteriores desta *Semana*. O que devo fazer é salientar certos aspectos da contribuição do introdutor entre nós da *Sociologia da Religião*, particularmente como ensinamento e orientação para os pesquisadores atuais.

Primeiramente, o comprometimento de que falei antes. O estudo dos fenômenos religiosos, mais do que uma das áreas de investigação nas Ciências do Homem é, no caso brasileiro, um campo especialmente privilegiado pelo qual podemos ter acesso aos horizontes sociais e, de modo especial, políticos das classes populares. Se é verdade que se deve esperar uma dedicação *sine ira et studio* à investigação científica dos fenômenos religiosos, é preciso que, na seleção das focalizações estejam presentes as paixões nobres que, há mais de vinte anos, levaram Bastide a fazer-se negro por opção.

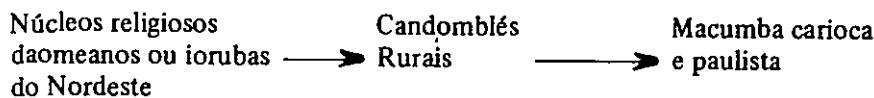
Em segundo lugar, quero chamar a atenção para a clara percepção de Bastide a respeito do processo de mudança sócio-cultural no campo das relações raciais e no campo religioso. Diante da mudança nas relações raciais, reconhece ele: "O preconceito de cor torna-se um instrumento na luta econômica, a fim de permitir a dominação mais eficaz de um grupo sobre outro".³ Um dos instrumentos — diria eu. Talvez aquele que pode ser mais facilmente manejado, graças à tradição disponível, ao caráter insidioso que assume e à falta de defesa de suas vítimas. De qualquer modo, o desenvolvimento do mundo urbano e industrial paulista, a precisão maior das distinções de classe, o perecimento dos critérios tradicionais de discriminação, fizeram surgir um novo tipo de preconceito e de discriminação.

Com relação a estes pontos de vista que, se não são, quanto à letra, inteiramente de Roger Bastide, podem ser legitimamente inferidos de suas interpretações, é importante notar o paralelismo que mantém com o destino que identificou para as comunidades religiosas negras. Em seu livro *As religiões africanas no Brasil*, mostrando, a um só tempo, a tristeza e a nostalgia do antropólogo, que assiste ao desvanecimento de seu objeto, e a tensão excitada do sociólogo, que vê surgirem diante de seus olhos novos objetos de estudo,⁴ Roger Bastide analisa o que ele chama de momento de crise e de desagregação na história dos cultos afro-brasileiros. Como ponto de referência, ele toma os núcleos tradicio-

(3) R. Bastide e F. Fernandes, *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo*, Editora Anhembí Limitada, São Paulo, 1955, p. 142.

(4) R. Bastide, *As religiões africanas...* p. 466.

nalistas: "A desagregação é tanto mais pronunciada quanto mais nos distanciamos dos centros, daomeano ou ioruba, do Nordeste, que agem como uma espécie de freio".⁵ Seria possível identificar sem nenhuma dificuldade, os seguintes processos paralelos na descrição que aparece em *As religiões Africanas no Brasil*⁶:



Desaparecimento (ou simplificação) dos ritos de iniciação. Desaparecimento dos sacrifícios de animais.

Surgimento de *clientelas* (o sacerdote torna-se um curador). O culto torna-se uma consulta.

Persistências sugestivas, porque indicam a mudança de caráter na prática e nas crenças: as figuras de Legba/Exu e dos Eguns mantêm-se vivas.

Os vazios, deixados pelos orixás que se foram, são preenchidos por *encantados*, *caboclos* e "africanos".

Do transe controlado --> para --> Transe individual (expressão da libido do macumbeiro)

Da prática religiosa enquanto meio de controle social e instru- --> para --> Práticas, antes mágicas do que religiosas, relacionadas com parasitismo social, exploração desavergonhada, afrouxamento moral e crime.⁷

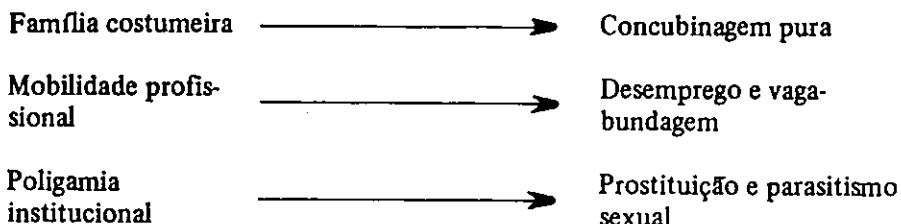
Da *religião* --> para --> *Magia*

(5) Idem, p. 404.

(6) p. 395 a 417.

(7) R. Bastide. *As religiões africanas*. . . p. 405.

De modo ainda mais marcado e acentuado o caráter patológico assumido pelo processo, Roger Bastide registra as seguintes tendências:



A parte final do capítulo V de *As religiões africanas no Brasil* é particularmente sugestiva. Nela, Roger Bastide, distinguindo desorganização cultural e desorganização social reconhece o caráter amplo deste último fenômeno que abrange brancos pobres de origem nacional, imigrantes fracassados e negros. Este momento de crise, se toma a forma de desorganização cultural e social nas comunidades negras, deve ser entendido em seus marcos mais abrangentes como gerador de um "marginalismo social", "um momento de transição, devido à exagerada rapidez das transformações do país."⁸ No "período orgânico" que se segue, relacionado por Roger Bastide com "proletarização do negro, a assimilação do imigrante, o geral reerguimento do nível de vida das massas, outros fenômenos vão aparecer, de reintegração cultural e social".⁹ A emergência do *espiritismo de Umbanda* seria, no plano religioso, uma expressão dessa nova fase.

De uma perspectiva mais sociológica do que etnológica, Roger Bastide vê o curso tomado pela história das populações negras brasileiras no contexto do desenvolvimento da sociedade nacional e do aparecimento de uma "plebe multiracial". Deste modo, o sociólogo que viveu entre nós boa parte desse processo toma o lugar do etnólogo e aponta os marcos das pesquisas futuras sobre as religiões dessa "plebe multiracial". Sem que seja possível ou aconselhável ignorar as filiações étnicas presentes (assim, por exemplo, as raízes africanas persistentes ou revigoradas, as contribuições japonesas emergentes) é dentro dos marcos abrangentes referidos acima, ligados a crises e desestruturações ou a reestruturações orgânicas, que devem ser focalizadas as investigações. Quanto a estas reestruturações, aqueles que buscam hoje continuar os estudos de Roger Bastide iniciou, indagam se o otimismo do mestre a respeito do ingresso em um "período orgânico" não seria a expressão da conjuntura vivida no final dos anos 50. De fato, atualmente, o esvaziamento das igrejas tradicionais "acomodadas", concomitante com o engorgitamento dos santuários devotionais católicos e dos núcleos de *cura divina* e com a expansão de tendas umbandistas, poderia exprimir o reforço do caráter clientelista e privatista da participação religosa. Pode-se supor.

(8) R. Bastide, *As religiões africanas no Brasil*, p. 417.

(9) Idem, *ibidem*.

portanto, que as condições de insegurança, de penúria e de desorganização social – características endêmicas do tipo de desenvolvimento capitalista brasileiro – se não se afirmam sempre com a mesma intensidade, nem são geralmente distribuídas, constituem como que uma constante de nosso modo de vida urbano e industrial. Sob essas condições desenvolver-se-ia não a indiferença religiosa – mas a indiferenciação religiosa: a disponibilidade peculiar às clientelas da magia.

É a partir de questões como estas que, dando continuidade e honrando o legado de Roger Bastide, deveremos levar à frente os estudos sobre religião entre nós. Mais do que atentos às especificidades étnicas, devemos conduzir nosso foco de análise para os modos emergentes pelos quais a “plebe multiracial” enfrenta seus dramas comuns.